



CULTURA PROFISSIONAL

O EMPREGO DA ARTILHARIA

NA DEFESA DAS FRENTE EXTENSAS

Gen. Div. GINO BOCCACIA

Traduzido da "Rivista Militare" (Italiana)
pelo Cel. J. I. O. PAREDES



ARGUMENTO que pro-rarei ilustrar não tem necessidade de uma introdução que lhe demonstre a importância.

Seu interesse, como veremos, manifesta-se e afirma-se, considerando que, pelas poucas palavras que a nossa doutrina lhe dedica, ocorre tirar e reunir normas, métodos, sistemas e disposições de várias indoles que, eliminando, no modo mais absoluto, o uso dos pre-conceitos formais ou de rígidos esquematismos, empregam, plenamente, a inteligente atividade dos artilheiros de qualquer grau e especialidade para conseguir, com restrita economia de meios, o rendimento máximo das unidades que possuam.

O argumento é, portanto, muito vasto e complexo pelo que não será sempre possível descer ao exame de minúcias.

Por outro lado, para algumas especialidades de artilharia (por exemplo: a anticarros), trataremos de alguns aspectos de seu emprego, cujo exame consideramos útil ao melhor esclarecimento das disposições já aprovadas e recentemente difundidas, enquanto para alguns problemas característicos de outras especialidades, que mereciam tratamento à parte, limitar-nos-emos a ligeiras menções, deixando seu exame profundo e minucioso para estudos posteriores.

Nossa doutrina, em matéria de "defesa das frentes extensas", fixa, com extrema clareza, os critérios basilares e trata — ainda que sinteticamente — de três casos particulares que apresentam aspectos diferentes.

São três casos apenas, escolhidos entre os muitos que se possam apresentar a uma Grande Unidade e que estão entre uma organização de "área de defesa" — na qual

existe relação bem definida entre a extensão da frente a as forças nela empregadas — e uma situação que diremos "limite", na qual tal relação assume valor tão modesto que não aconselha a atuação de uma organização defensiva, mas que aconselha, pelo contrário, o estudo de uma sistematização de ação com divisão de todo o potencial, de modo que a Grande Unidade possa, em pouco tempo, fazer "massa", e defender-se, por manobra, sobre as mais prováveis direções do ataque adversário.

Se vaguearmos a mente entre os limites deste vasto campo de ação e considerarmos — por exemplo — os mesmos casos tratados pela nossa doutrina, por esse exame, pelos possíveis confrontos, pelas tantas e tantas considerações que surgem de uma acurada análise de todos os fatores do problema, ser-nos-á fácil transportar-nos ao espírito da própria doutrina, o qual, se bem conhecido e bem assimilado, nos apresentará um sentido uniforme de pensamento e de ação, qualquer que seja o caso a confrontar.

A defesa de frentes extensas — como qualquer organização defensiva — não é jamais confinada a si mesma, mas, como vai claramente expresso pela nossa doutrina, tem o fim especial de garantir o tempo e o espaço necessários para a manobra das forças de reserva, às quais está afeta a ação preponderante. A ação defensiva, portanto, por manobra, ainda que precisando, para os próprios fins, de determinada organização estática, apoia-se sobre a ação dinâmica da massa de manobra constituída pela reserva.

O espaço a entregar-se a uma G.U. não pode ser definido a priori, e de fato nossa doutrina estabelece apenas o limite mínimo (em terrenos médios, 10-12 km para uma divisão ternária). Em qualquer caso, o espaço será o que os comandos superiores fixarem, tendo por base as funções da força operante, as necessidades do momento, as características da unidade a empregar, as caracterís-

ticas do terreno, etc.; em suma, tendo por base todos os elementos que contribuem — com as respectivas exigências — para determinar o tempo mínimo necessário para poder agir validamente, e para manobrar, em caso de ataque inimigo, em determinado setor.

E este tempo mínimo — é hom que se afirma de uma vez por todas — constitui o maior vínculo de honra, ao qual devam sentir-se ligados todos aqueles a que esteja confiada uma organização defensiva desse gênero. E esse vínculo de honra deve ser mantido mesmo a custo do supremo sacrifício.

Tender a superá-lo é índice de pujança moral e material, é afirmação segura de capacidade organizadora, de excelente capacidade de manobra da unidade, e fator seguro de sucesso no quadro geral das operações.

* *

Para responder rápida e precisamente às exigências do combate em zonas tão amplas e profundas, a artilharia divisionária deve, antes de tudo, estar caracterizada por uma grande capacidade de organização e por capacidade e possibilidade de manobra de alto valor.

Para percebê-lo, basta observar entre que limites, no âmbito divisionário, a artilharia pode ser chamada a agir: pela sua ação sobre zonas bem definidas ou pontos bem determinados situados além da linha de segurança e que apresentam especial interesse para o adversário, até à intervenção, no emprego, de reservas parciais ou totais com o fim de rechassar o inimigo além da posição de resistência, ou mesmo para favorecer a constituição e a consistência de linhas de barragem, onde mais grave fôr o perigo. Fim a alcançar: máxima, oportuna e precisa contribuição de fogo, em qualquer ação, para manter bem quite aquele vínculo de tempo a que já me referi.

A manobrabilidade não deve ser prevista apenas no sentido de pro-

fundidade, mas também no sentido da largura. Isto porque, nesta organização defensiva, e justamente pela vastidão das zonas que ela encerra, se a princípio a artilharia deve assumir uma disposição fracionada (porquanto fracionada deve ser a sua ação), depois de esclarecidas as intenções adversárias, será certamente forçada a efetuar movimentos diversos — já preventiva e acuradamente estudados — para assumir novo dispositivo, certamente mais conceituado e adequado às exigências surgidas — e às condições impostas pela situação reinante.

E não se deve desprezar o caso de precisar temporariamente desguarnecer uma parte do "front" para concentrar, no menor tempo possível, a artilharia onde fôsse necessária uma ação de máxima potência de fogo, de modo a tornar necessária a intervenção de todas as artilharias disponíveis. Nem se pode excluir o caso em que a artilharia deverá modificar o mais rapidamente possível o próprio dispositivo para poder eficientemente concorrer para as ações que se desenvolvem no setor das G.U. laterais, quando a ação inimiga seja diretamente contra o setor confiado a uma só G.U.

Como é óbvio, nestes casos tenta-se sempre fazer concentração de meios e de fogo onde a situação o peça. A ligação entre as G.U. laterais e colaboração sobre o campo de batalha, elementos dos quais depende a consecução do fim prefixado, assumem — nesses casos — altíssima importância e aspectos bem mais complicados que os que caracterizam uma simples coligação de fogos ou de sutura entre os setores da mesma força divisionária. Esses elementos resultam da utilização da soma de providências minuciosas e de longo alcance, de caráter organizador, absolutamente necessários, uma vez que — para resolver o problema da defesa — somos forçados, como no caso em exame, a fazer emprêgo (pelo menos nos primeiros tempos de duração não previsível) de

um modesto número de unidades de artilharia.

Este quadro, ainda que apenas esboçado a grosso modo, é suficiente para fixar, com clareza, a idéia da vastidão da zona na qual pode ser chamada a agir a artilharia de uma G.U. empenhada na defesa de uma frente extensa e, portanto, estabelecer os limites dentro dos quais a organização defensiva deverá ser desenvolvida com meticuloso cuidado.

Esta organização — é bom que se diga logo — não se improvisa, porque a sua atuação requer tempo adequado (certamente não exíguo) e quadros perfeitamente adestrados para um trabalho metódico e pesado. Conhecer esse trabalho com perfeição é dever de todos e é, outrossim, dever de todos enfrentá-lo com inteligência e apaixonada perseverança, guiados por dois únicos conceitos, simples, mas de importância preponderante, a ponto de tornarem-se verdadeiros imperativos categóricos:

- 1) *Máxima mobilidade da unidade*, para seu fácil deslocamento de uma posição para outra (e em consequência escolha das posições segundo a facilidade de acesso e retraimento).
- 2) *Imediata possibilidade de intervenção* de qualquer posição antes mesmo que as canteiras das peças hajam tocado em terra (e daí predisposição — nas várias posições previstas — de uma suficiente organização técnica do tiro).

E esta organização deverá compreender:

- um dispositivo inicial das artilharias de campanha, antiaérea leve, anticarros, contra-morteiros e eventualmente de carros de combate empregados como reforço;
- dispositivos sucessivos no sentido da profundidade e da frente;
- uma organização tático-logística para a troca de posições;
- uma organização técnico-balistica de tiro;
- uma organização para ação contra-morteiro;
- uma organização de observações;

— uma organização de ligações táticas e técnicas;

— uma organização de serviços.

Este trabalho complexo, tendente a pôr a artilharia em condições de responder totalmente a todas as vastas missões que lhe possam ser afetas, deve ser completado por um verdadeiro e apropriado "Plano de defesa", que compreenderá:

— As ações eventuais a desenvolver além da linha de segurança;

— As ações a desenvolver para proteção das unidades que constituem a posição de resistência, visando especialmente o deslocamento nas amplas cortinas entre uma e outra unidade, seja para a proteção dos campos minados, das interrupções, dos impedimentos nas estradas, etc., seja para prender o adversário sobre linhas bem definidas de contenção, sempre que êle conseguir superar a posição de resistência;

— As ações a desenvolver em caso de emprego das reservas sectoriais ou divisionárias, e nas diversas hipóteses sobre previsíveis ações adversárias;

— Todos os possíveis entendimentos entre comandos de artilharia e comandos das várias unidades de outras armas, ou de grupos ou reagrupamentos táticos, fazendo que o concurso da artilharia na ação possa ter início em brevíssimo tempo e desenvolver-se com característica de máxima oportunidade e violência;

— Todos os entendimentos entre comandos de artilharia das G. U. laterais, para o caso de eventual concurso a ações de mobilidade nos respectivos setores.

O dispositivo inicial da artilharia de campanha, que depende da amplitude do setor divisionário e da necessidade de tomar contacto com o inimigo o mais afastadamente possível, resultará não apenas fracionado e de maior ou menor densidade, conforme o número das prováveis direcções de ataque adversário, mas também muito avançado para permitir ações com boa densidade de fogos seja sobre os vários objetivos da zona de segu-

rança, seja em proteção dos obstáculos e das tropas que, nesta zona, são deslocados, a fim de retardar a aproximação do inimigo.

Este dispositivo, que não ficará nem linear nem uniforme, e que dependerá das características balísticas das artilharias e das condições do terreno (para fins de disfarce e movimento), deverá responder — uma vez que as várias unidades serão forçadas a assumir outros dispositivos — a um outro requisito que é essencial: não deixar soluções de continuidade nas ações de fogo solicitadas, tornando, deste modo, mínimo o tempo de crise que qualquer mudança de posição comporta.

Neste dispositivo, não se descerá nunca abaixo da unidade de grupo. Este, quer em relação às exigências de rapidez na mudança de posição (espaço para a concomitante manobra dos tratores), que para reduzir a intensidade das ofensivas aéreas adversárias, se disporá sobre o máximo de frente possível, satisfeitas as necessidades técnicas do tiro e da manobra de fogo, que — a princípio — poderá desenvolver.

As baterias, onde não encontrarem boa posição próxima para manobra, deveriam assegurar-se não menos de dois acessos independentes para cada uma, a fim de tornar mínimo o tempo empregado para tomada e abandono da posição.

A sistematização das peças no dispositivo da bateria, e desta no dispositivo do grupo, deverá ficar de tal modo que a posição recíproca das várias unidades facilite o tiro do conjunto do grupo na zona de frente mais ampla possível.

Em casos particulares, e pelos motivos já precedentemente indicados, poderá mesmo ser solicitada a colocação de algumas unidades em zona de segurança. Neste caso, permanecendo o princípio — sem dúvida imutável — da necessidade absoluta de um acurado ocultamento e mascaramento, assume primordial importância a organização da defesa vizinha e a facil-

dade de deslocamento (máximo aproveitamento da velocidade dos meios, itinerários bem definidos, reconhecidos e usáveis pela consistência do subleito das estradas).

Sempre que se trate de dispor, em zona de segurança, unidades superiores à bateria, convém examinar se é mais conveniente e oportuno dispor grupos completos ou mesmo baterias de grupos diversos, a fim de que, no dispositivo conjunto inicial, fiquem menos avançados.

O dispositivo avançado inicial da artilharia antiaérea leve deverá atuar empregando-se — de certo modo — os mesmos critérios expostos para a artilharia de campanha, porque o fim principal das artilharias antiaéreas leves é justamente o de proteger a de campanha dos ataques do alto. Em outras palavras, a artilharia antiaérea leve deve concorrer para a defesa dos dispositivos de artilharia de campanha, e — em subordinada linha — à organização para as ações contra carros, nos limites, é lógico, impostos pelas possibilidades da posição assumida e pelas características intrínsecas do material.

Mas desde que não se possa dispor organicamente de um número de unidades antiaéreas leves, no mínimo o dobro do que se tem, ou de armamentos com conjuntos multicanos, e de qualquer modo dispondo de metralhadoras, de 12 ou 13 mm, ter-se-á de escolher, entre os muitos objetivos a defender, aqueles para os quais a defesa antiaérea é absolutamente necessária nas condições de vida ou de morte, evitando sempre inúteis subdivisões ou dispersão dos meios.

Um sistema semelhante, além de criar sérias dificuldades de comando, de emprego e de manobra, impediria a concentração do fogo, ou mesmo a consecução da condição que é sempre essencial e indispensável, às múltiplas, conquanto fugacíssimas, ações que tais artilharias são chamadas a desenvolver.

Multiplicar os cuidados para o ocultamento e mascaramento, di-

luir-se em superfície para diminuir os efeitos da ofensiva aérea, são sempre — em quaisquer condições de tempo e de lugar — deveres imperiosos; mas no caso de pobreza de meios, é também de dever precípua não descer, na disposição desses meios, abaixo da unidade "bateria" e ter em conta, por exemplo, que para as unidades de artilharia motorizada é tão necessária a defesa dos tratores quanto a defesa das peças. Os primeiros são parte integrante dos segundos, pois, sem tratores suficientes para locomover as peças, bem pouco valem o elevado adestrado de tiro, de capacidade, de precisão, de presteza na intervenção conjunta do pessoal, e as melhores características balísticas e mecânicas das peças.

Um inteligente aproveitamento do terreno para ocultamento, disfarce e camuflagem poderá ser suficiente para alguns órgãos; para outros, será necessário o complementamento da proteção com metralhadoras de 12 ou 13 mm ou pesada de 22; mas a posição das peças e dos tratores deverá sempre ser protegida por canhões de 40 mm, porque, em uma formação de artilharia, a missão destas peças é sempre dupla: principal — a de proteção antiaérea, e eventual — mas sempre presente — a cooperação com outros meios para a defesa anticarros nos setores, ou nas direções onde é mais provável e perigosa a manifestação de meios blindados inimigos.

O problema da defesa antiaérea é indubitavelmente um dos mais complexos para resolver e merece — que por parte de uma guarnição, ou de uma bateria ou de uma Grande Unidade — uma constante atenção, porque os meios para a procura e distinção dos objetivos no ar estão sempre em progresso, como estão em progresso os estudos dos métodos e sistemas para tornar mais precisa, poderosa e mortífera a ofensiva aérea.

O dispositivo inicial da artilharia anticarros (excluído o da unidade eventualmente descentralizada do comando da divisão) apre-

senta características diversas, segundo se trate de artilharia semovente ou de tração.

O dispositivo é sempre parte integrante de toda organização defensiva anticarros, posta em ação no sentido da frente e em profundidade e com todos os meios em dotação nas subunidades das várias armas; — assume maior valor a "manobra dos dispositivos" que particularmente interessa às artilharias anticarros de tração, dispositivos que deverão ser obviamente previstos em número reservado e acuradamente organizados, baseando-se em todas as hipóteses que é possível formular sobre o emprêgo (ação e direção) dos meios blindados inimigos.

— O emprêgo de uma unidade anticarros semovente, em zona de segurança, que na organização de uma área defendida é eventual, no caso da defesa de frentes extensas torna-se *normal*, ou antes de necessidade quase absoluta. Em consequência, devem ser acuradamente estudados:

— a sub-divisão dos vários setores de especial delicadeza e sensibilidade entre as várias unidades anticarros semoventes disponíveis;

— os itinerários que cada unidade deverá seguir na "manobra dos dispositivos";

— como, em caso de necessidade, poderão reunir-se para concentrar-se onde mais densa se manifeste a ameaça inimiga, para impedir ou retardar a aproximação das unidades adversárias;

— que ligações será necessário e oportuno manter com as sub-unidades que agem na zona para não lhes prejudicar os trabalhos, mas, potenciá-los e completá-los;

— assume aspecto essencialmente manobreiro — em estreita colaboração com as outras armas — a finalidade da unidade semovente descentralizada dos grupos ou reagrupamentos táticos da reserva, pois é justamente sobre a ação destas unidades que assenta o conceito basilár da "defesa manobrada", exposta por nossa doutrina.

De qualquer modo, todos os con-

ceitos que presidem ao emprêgo destas artilharias devem estar sempre animados e verificados por um mesmo espírito: o de agressividade destruidora e inteligente que, fortalecida pela astúcia, no aproveitamento de todas as circunstâncias favoráveis, deve assegurar a precedência de tempo para bater o inimigo no duelo de morte entre canhões e carros.

Mas tudo deve estar sempre acompanhado pelo profundo e perfeito conhecimento das possibilidades de máximo aproveitamento dos meios de ação e da firmeza de ânimo e de caráter do pessoal, elemento este de elevadíssimo valor moral.

O dispositivo inicial da artilharia antiaérea média, geralmente empregada como reforço, prescindindo de qualquer consideração relativa à missão que lhe possa ser confiada, deve ser estudado tendo sempre em conta as características particulares apresentadas pela unidade desta especialidade, quer quanto ao dispositivo, quer quanto ao material em dotação.

Para o emprêgo, na defesa de frentes extensas, que requer artilharias manobráveis e maneáveis, o canhão de 140/30 é certamente — entre as artilharias pesadas de campanha — o mais adaptado e o mais conveniente; e isto, seja para os bons resultados que com seu emprêgo se possam obter a distâncias médias de tiro (qualidades balísticas), pela rapidez do tiro que permite, pelo tempo pedido para a tomada de posição, seja pelas suas qualidades mecânicas (estrutura, solidez e rusticidade do material e peso do conjunto). Quanto, pois, ao que se refere a movimento, o canhão de 140/30, se puxado por meios de adequada potência, não apresenta dificuldades superiores às normalmente apresentadas pela artilharia de campanha.

Com artilharias deste género, dispostas, a tempo, sobre posições avançadas, pode-se estar certo de conseguir agir *potentemente* em toda a zona de segurança, e ainda

mais, sobre todo o setor confiado à divisão.

O emprégo de artilharias de calibre superior (refiro-me às atualmente em serviço), ainda que apresentando as vantagens de maior fogo e de maior eficácia de golpe isolado, não seria conveniente, porque o aumento de peso do conjunto prejudica a maneabilidade, tornando complicado e lento o movimento e o aumento de calibre tornaria muito gravoso e oneroso o abastecimento de munições.

É aconselhável, portanto, seguir, no estudo do dispositivo destas últimas artilharias, os bem claros critérios de emprégo na defesa, procurando conseguir a máxima eficácia de sua ação de fogo à frente da linha avançada da posição de resistência, de modo a poder intervir, com as mais potentes concentrações, seja ao longo da direção de provável ataque inimigo, seja ao longo do mais provável emprégo das reservas. É notório que o máximo desenvolvimento de fogo (primeiro de barragem, depois de repressão) deverá abater-se sobre as zonas em que o inimigo tentará atacar e superar a posição de resistência, e é também natural o emprégo em massa destas artilharias com ações violentas e devastadoras, durante o emprégo das reservas, para abreviar o mais possível a missão confiada aos grupos ou reagrupamentos táticos que as constituem.

O dispositivo inicial dos morteiros pesados entra no complexo da organização contra-morteiro, que nossa doutrina confia à artilharia divisionária. Desta organização falaremos, ainda que sinteticamente.

O critério do emprégo em massa não poderá ser seguido nos dispositivos da fase organizativa, porque é subordinado à ação (direção e modalidade) do inimigo. Prevê-se facilmente que, manifestados os elementos da ação inimiga, se tornarão necessários deslocamentos dos morteiros (que não serão difíceis nem complicados, dado o modesto peso dos conjuntos e a característica de potência e maneabilidade nos respectivos meios de

tração ou de transporte) para a concentração, nos setores da frente que se mostrem mais delicados, do maior número destas unidades e realizar assim o emprégo em massa. Portanto, e em relação às características balísticas desta arma (rapidez de tiro, grande efeito do golpe em si e densidade de fogo), podemos prever um dispositivo inicial diluído no sentido da frente (transversalmente), de modo a poder descer-se, com baterias de 6 peças, mesmo à formação de meias baterias isoladas, podendo manter — inicialmente — as vastas zonas de provável posição de morteiros adversários sob ação imediata dos morteiros pesados da defesa.

Não se pode negar que, em determinadas circunstâncias, devam as unidades de morteiros pesados ser — desde o início — descentralizadas, nem é possível que, com a ação contra-morteiros, sejam solicitadas a cooperar — nos limites do possível — unidades da mesma natureza e potência dos regimentos de infantaria da divisão, já inseridos (como veremos a seguir) na rede topográfica da organização para a ação contra-morteiro divisionária.

* *

Dispositivos sucessivos da artilharia — paralelamente à frente e em profundidade. Pela escassês de meios de que em geral se dispõe, mas especialmente pelo próprio caráter de defesa sobre frentes extensas — defesa manobrada e desenvolvida em espaços profundos — os dispositivos sucessivos das artilharias constituem absoluta necessidade.

Seu fim é o de facilitar ao máximo a manobra dos meios, que tendem a reunir — no menos tempo possível e já orientada tática e tecnicamente — a massa das artilharias da divisão onde for necessária uma ação concentrada.

É lógico que estes dispositivos sucessivos não interessam apenas às artilharias orgânicas da divisão, mas também às artilharias empregadas como reforço — sempre

que possuam boas características de manobrabilidade — e devem ser estudadas e dispostas em perfeita harmonia com os conceitos de emprego precedentemente indicados.

A organização das posições relativas, que leva a prever e pre-dispor tudo (colocação, postos de comando, vias de acesso e de retraimento, itinerários, etc.) deve tender a reduzir ao mínimo os tempos mortos, isto é, os tempos que as unidades empregam para deslocar-se de uma posição para outra (1).

E o conceito fundamental a seguir deverá ser o de reconstruir o mais rapidamente a unidade "regimento", para que essa unidade possa — no fim da manobra de fogo desenvolvida no curso da batalha — desfrutar totalmente os seus meios e as suas possibilidades.

Não é possível estabelecer — nem mesmo atítulo de orientação — quantos dispositivos serão necessários. Seu número suscitará, de vez em quando, o exame do caso concreto. E os elementos a tomar para exame serão: as várias possibilidades do inimigo nos vários setores; as características do terreno na área a defender; o tempo disponível para a organização; as características balísticas das artilharias e suas possibilidades de estreita colaboração com as outras armas na formação de defesa. Estas últimas sempre representam certamente elementos julgados de elevadíssimo valor, porquanto — por exemplo — a possibilidade de ação de uma artilharia à grande distância e com precisão e eficácia, corresponde a necessidade de um menor número de deslocamentos e, até certo limite, um maior tempo disponível para levar a termo tais deslocamentos.

A organização das posições, compreendida a sistematização da de-

fesa vizinha e da defesa antiaérea, deve constituir argumento de profundos e minuciosos, estudos, perfeitamente meticulosos, para evitar o perigo de qualquer omissão e conseqüente improvisação. Para algumas dessas posições, será necessário levar a organização até à execução dos tiros de enquadramento do terreno, ainda que com uma só peça por grupo, sobre as zonas que — facilmente observáveis no período de organização — poderiam, durante o combate e após a eliminação de qualquer de nossos observatórios, não poder ser observadas senão de outros pontos ou pelo serviço aéreo da artilharia.

Repetimos que o movimento das artilharias para a manobra dos dispositivos constitui um importantíssimo problema, para cuja solução concorrem os estudos de todos os artilheiros empregados nesse movimento. Os comandos superiores do regimento limitam-se à designação das zonas a ocupar e à indicação dos itinerários, mas os comandantes de grupos e de baterias devem levar seus estudos até o mínimo pormenor: posições das baterias no grupo e das peças na bateria, reconhecimento dos itinerários fixados, escolha dos itinerários não vinculados em relação à cobertura, ao fundo estradal, às condições de luz, à possibilidade de aproveitamento da velocidade dos meios de tração, possibilidade de abrigo, de mascaramento, de camuflagem das peças, etc., tudo para conseguir os elementos e as modalidades que assegurem às evoluções as melhores condições possíveis.

No estudo e execução desse trabalho delicadíssimo, todos os artilheiros devem ser guiados por uma convicção imperativa: *reabrir o mais rapidamente o fogo, para retomar o posto de honra e de res-*

(1) É dever de todos, mas especialmente dos comandantes de grupo, aprofundar este estudo no campo técnico-organizador, para eliminar qualquer incerteza e qualquer dificuldade, para reduzir ao mínimo indispensável — ou seja ao tempo apenas necessário para o movimento — o período de crise de ações.

responsabilidade a eles designado no campo de batalha.

Em suma, a organização dos dispositivos sucessivos (que, partindo dos iniciais, chega até aos previstos para a eventualidade da constituição de linhas de resistência) deveria — dentro dos limites — permitir manobrar as artilharias com pequeníssimas ordens, sécas e precisas, tais como esta: grupo A. hora B. posição C. itinerário D: sendo já conhecidos com bra aproximação os tempos necessários para a manobra e, daí, a hora em que há possibilidade de retomar o fogo sobre determinados setores.

• •

Não necessita ilustração especial a organização técnica e balística do tiro. A convicção da sua necessidade e da excelência dos resultados que dela advém está profundamente radicada no espírito de todos os quadros da arma. Mas para a organização da defesa de frentes extensas, que interessa vasta zona de terreno, o trabalho é muito superior ao previsível para outras situações.

Também aqui será necessário um trabalho gradativo, evitando qualquer desperdício de energia, seguindo os mesmos critérios da defesa.

Uma análise, simples e rápida, da situação e do terreno, indicará aos vários comandos (Div. e regimentos) como conduzir-se para o levantamento dos elementos necessários à formação da rede topográfica que permita a manobra do fogo.

Enquanto os grupos — tomado o dispositivo inicial (avançado) — pensarão cada um por si nos elementos necessários para poder efetuar, no próprio âmbito, a manobra do fogo, os comandos de regimento e divisionário deverão, a sua vez, preocupar-se imediatamente com o levantamento dos elementos topográficos necessários para a formação das redes de artilharia regimental e divisionária, interessando-se por todas as posições já escolhidas e em curso de

sistematização, destinadas a receber — em tempos sucessivos — as artilharias divisionárias e de reforço.

No levantamento da rede de artilharia, ocorre ter em conta que, para a eventualidade sempre provável de que outras G.U. possam ser chamadas a agir no mesmo setor divisionário, ou em parte deste, suas artilharias devem poder inserir-se rapidamente na organização topográfica e balística existente e desfrutá-la para fins de defesa.

• •

A organização da observação assume aspectos diversos segundo a conformação do terreno, as condições da vegetação (cobertura) e em relação ao acesso mais ou menos fácil àqueles pontos que, em exame preventivo da carta, indica como bons observatórios. Mas assume o seu aspecto principal na dependência da própria índole da organização defensiva a realizar, do conseqüente dispositivo das artilharias e dos deslocamentos que a luta certamente imporá.

Prescindindo de tudo o que entra nas atribuições específicas de competência das frações em relação às missões a elas confiadas (ligação tática) e em consideração à vastidão da zona sobre a qual a artilharia deverá provavelmente agir, não será possível pôr imediata e simultaneamente em função todos os observatórios que constituem uma vasta rede de observação. Cumprirá estudar uma rede de observatórios também escalonada em profundidade, certamente correspondendo aos conceitos defensivos, organizando com metuculoso cuidado todos os observatórios, mesmo se alguns desses não devam ser imediatamente postos em função.

Dos vários observatórios, far-se-á o levantamento — sempre possível com o auxílio da fotografia panorâmica — das zonas vistas e não vistas, para se terem à disposição elementos de avaliação e juízo necessários ao funcionamento do serviço aéreo de arti-

lharia; o qual — é bom que se afirme — integra e completa as possibilidades da observação terrestre, mas não deve nem pode ser substituído por esta, senão quando o imponham situações especiais.

Em suma, em precárias condições de meios — como facilmente poderá acontecer em tais ocasiões — é necessário multiplicar o trabalho de organização; cuidar ao máximo da escolha e preparação dos vários pontos da rede de observação; tirar destes — e com precedência — todos os dados relativos à zona interessada; fixar bem as disposições para eventuais deslocamentos, a fim de estar, em tempo útil, nas melhores condições para fazer frente, sempre e sem solução de continuidade, às exigências do combate.

• •

A organização para a ação contra-morteiro, diga-se uma vez para sempre, é hoje fator de importância capital e não admite tentativas e discussões estéreis. A absoluta necessidade de sua presença no complexo da organização de uma ação tática (ofensiva ou defensiva) tem-se amplamente revelado e repetidamente confirmado, no último vintênio, sobre todos os campos de batalha (2).

O argumento é muito complexo, e merece profundo tratamento à parte, apresentando aspectos diversos na ofensiva e na defensiva. Todavia, para não deixar lacunas muito grandes nesta exposição, procuraremos resumir os vários fa-

tôres do problema de organização que devem ser enfrentados, estudados e resolvidos, se se quiser assegurar à defesa o poder de retardar, desbaratar e impedir a ação inimiga.

A organização para a ação contra-morteiro não difere da ação acessória contra-baterias; apresenta as mesmas características e as mesmas necessidades, mas em campo mais restrito, tal como o da artilharia divisionária.

Na exposição esquemática que aqui, em seguida, registro, procurarei pôr em relêvo os elementos fundamentais desta organização, a qual — ao que me parece — deve ser independente da organização para a manobra do fogo, mesmo se da ação contra-morteiro possam e devam participar, junto às unidades de morteiros pesados, além das companhias de morteiros pesados dos regimentos de infantaria, também unidades de artilharia de campo. E a separação das duas organizações é justificada pela necessidade de se poder dedicar, com a máxima atenção e sem interrupções, à análise das informações relativas às prováveis zonas de posição dos morteiros adversários, fixar-lhes os limites, para tirar daí os dados para o tiro, reduzindo ao mínimo o tempo necessário à intervenção da unidade chamada à ação contra-morteiro.

• •

A organização para a ação contra-morteiro deverá compreender — uma organização topográfica e

(2) Em 1937 (há 16 anos), em um estudo sobre artilharia divisionária, escrevia eu: "Nós confiamos um grande poder ofensivo e de manobra aos meios de hoje adotados — sobre os quais, por outro lado, não temos ainda uma suficiente experiência de guerra — e nos comprazemos de ter encontrado um meio (o morteiro) com o qual combater — finalmente — a metralhadora. Devemos porém convir que este mesmo meio, além do poder ofensivo, tem também um poder defensivo próprio por nada desprezível devido a estas suas três características: grande efeito de golpe (bomba), facilidade de deslocamentos rápidos e de tomada de posição (independente do terreno), possibilidade de agir com impressionante rapidez de fogos sem a necessidade de revelar-se como a metralhadora". Posso agora acrescentar que, se o morteiro pode ser considerado a arma dos pobres, não se diga que os ricos não o devam empregar; antes, pode-se estar certo de que o usarão e com larguíssima disponibilidade de munição. É pois fácil perceber que, se esta arma pode — unida ao canhão anticarro e ao campo minado — conduzir a favoráveis condições, a própria defesa deve fortemente preocupar-se com o emprego que o atacante poderá fazer dessas armas, para cuja ação pode-se afirmar que não existem dificuldades nem para o enquadramento, nem relativamente aos objetivos a bater.

balística do tiro, a qual é porém facilitada, no assentamento e no desenrolar de sua missão, pela artilharia divisionária, e na qual deverão inserir-se até as companhias de morteiros pesados da infantaria, que se empregarão em ações isoladas em vez de em massa; — uma organização de observações para a descoberta das zonas de posições dos morteiros adversários. Esta é certamente complicada, porque — especialmente em terrenos cobertos — os morteiros em ação se manifestam apenas pelos estampidos e não pelas chamas, e mesmo as estações fonotelemétricas (como o radar) encontram não pequenas dificuldades no seu emprégo por razões óbvias que não cabe aqui enumerar.

É necessário, acima de tudo, compilar um estudo acurado e minucioso do terreno, para assinalar, nas cartas de 25.000, as zonas de provável posição dos morteiros adversários, integrar os resultados deste estudo com todas as informações (com seleção prévia e acurada) colhidas sobre todas as zonas batidas por ditos morteiros, seja na fase de ajustagem, seja na fase de eficácia (concentração). Recorrendo-se ao estampido da bomba facilmente distinguível do da granada, pode-se — por exclusão e por indução — chegar à delimitação das zonas de mais provável posição inimiga, reduzindo-lhes sempre mais os limites, com a obtenção de novas informações e novas indicações;

— uma organização para a recepção de informações, que constará de:

— centro de recepção normal, constituído de todos os observatórios da rede de observação da artilharia divisionária;

— centro de recepção eventual, constituído dos comandos de todas as unidades de todas as armas, que tenham obrigação de transmitir as informações recebidas ao comando da artilharia divisionária, com caráter de absoluta precedência e integradas de indicações específicas e sintéticas (zona batida, mais ou menos pro-

vável direção de proveniência do tiro adversário).

É lógico que, para a colheita de informações, devam concorrer todos sem distinção de grau ou de arma, transmitido-as imeditamente aos órgãos encarregados da transmissão e recepção, porque todas as informações podem ter elementos úteis para uma ação eficaz contra-morteiros;

— uma planta quadriculada quilométrica, que não difere da empregada para a manobra do fogo de artilharia, sobre a qual deverão ser reportados pontos de apoio e posições das unidades de morteiros pesados de artilharia e de infantaria, e das unidades de artilharia que possam concorrer para a ação;

— uma organização das ligações independente, que tenha por cabeça o comando da artilharia divisionária e compreenda os comandos das unidades de morteiros e os centros receptores de informações.

Todos os elementos desta complexa "organização para ação contra-morteiros" deveriam orientar-se pelo comando de artilharia divisionária.

E tomando este órgão central, o trabalho deveria desenvolver-se do seguinte modo:

— estudo preventivo da carta de 25.000 para uma primeira delimitação orientadora — baseada nos elementos tomados da situação inimiga — das zonas de provável posição dos morteiros adversários;

— subdivisão do setor divisionário em setores de vigilância para os vários observatórios, indicando, para cada um, as zonas de maior interesse;

— recolhimento e avaliação das informações recebidas (revelações do radar; levantamentos fonotelemétricos; observações do clarão, do estampido; indicações dos objetivos de tiros de ajustagem inimigos; informações das patrulhas ou dos prisioneiros, etc.) e consequente redução dos limites das zonas de provável posição;

— remessa às unidades, a que interesse, da indicação das zonas (objetivos presumíveis) nas quais

podem ser chamadas a agir (setores e eventuais);

— estudo e compilação do plano para a manobra do fogo, baseada na grandeza do setor divisionário e nas características balísticas dos meios disponíveis (para estabelecer se a manobra deve ser concentrada ou se, ao contrário, convém descentralizá-la para setores confiados a grupos de unidades);

— estudo — e consequentes disposições — sobre as modalidades de intervenção das unidades de morteiros regimentais de infantaria (se de calibre superior a 81mm) já inseridas, na fase organizativa, no complexo da organização para a ação contra-morteiros.

* *

A organização das ligações táticas requer maior atenção na atuação da defesa de frentes extensas; deve ser objeto de contínua vigilância e de cuidados minuciosos, porque as ligações — deve-se afirmar — representam sistema nervoso de qualquer unidade combatente, grande ou pequena. Examine-se este problema quer no campo restrito da companhia, do esquadrão ou da bateria, quer no campo mais vasto de um exército, e se perceberá facilmente a existência da minha assertiva.

No nosso caso, e pelo lado técnico, respeitando-se o conceito de manobrabilidade da unidade de artilharia, é aconselhável que se desfrute ao máximo — e especialmente nos primeiros momentos — o rádio.

O limitado número de unidades de artilharia orgânica e de reforço e a vastidão da frente favorecerão a aplicação do conceito.

As ligações por fio, no entanto, devem ser postas em função — e não em número limitado — preventivamente, pelos dispositivos sucessivos previstos, de modo que, esclarecidas a situação e as intenções adversárias, a artilharia possa servir-se rapidamente de todas as redes de ligações por fio das próprias unidades. E isto é necessário não apenas porque facilita

a transmissão das ordens para a manobra do fogo, mas porque permite que se tenha boa parte dos meios de rádio na previsão do emprego da reserva, quando somente ao rádio será confiada a ligação com e entre as unidades em ação.

A ligação tática, que logicamente não pode prescindir da técnica nem da observação, apresenta dificuldades que — atingindo os artilheiros — devem ser considerados pelos oficiais de todas as armas, a fim de que todos possam contribuir para que sejam vencidos.

A ligação tática é feita à base da colaboração, e hoje nem é admissível que unidades de duas armas, desenvolvendo cada uma ação integrante da outra, para a consecução de um objetivo único, possam alguma vez, mesmo por um instante, sentir-se independentes, separadas.

Nessa doutrina sanciona critérios que se podem dizer sacrossantos, mas a situação atual da artilharia não permite responder plenamente à necessidade da defesa das frentes extensas.

A íntima, a verdadeira, a produtiva colaboração somente se pode obter com o profundo e recíproco conhecimento pessoal dos homens postos em contacto direto sobre o campo de batalha; e não é oportuno pensar em danosas improvisações.

As dificuldades que apontei, ressaltadas por uma análise acurada de nosso problema, encontram certamente confirmação nas observações pessoais feitas nos exercícios de manobras e em episódios vividos na guerra e na paz.

Na defesa das frentes extensas são sempre necessários oficiais observadores deslocados:

— em zona de segurança, para o "largo emprego do fogo à distância". Este fogo poderá ser integrado pelo bombardeio aéreo, mas é de competência quase exclusivo da artilharia, que deve observá-lo, segui-lo, corrigi-lo, torná-lo cada vez mais denso e eficaz, para representar verdadeiramente um obstáculo à avançada

do inimigo, em harmonia com a ação desenvolvida pela infantaria, pelos esclarecedores, pela cavalaria blindada. A organização técnica (topográfica e balística) é certamente um elemento preciosíssimo para a tempestividade da intervenção, mas não assegura a precisão que é, entretanto, atingível com o auxílio da observação. E a precisão do tiro é necessária não só pelos efeitos, mas também pela economia de munição.

É preciso não esquecer que aos oficiais observadores deslocados na zona de segurança pode ser confiada a direção da ação de fogo de parte ou de toda a artilharia divisionária;

— em posição de resistência, com os grupos de comandos ou comandados variadamente constituídos. Encontramo-nos aqui na zona na qual resolvemos conter o inimigo com todo o fogo possível e com todos os obstáculos postos em ação. Nossa organização técnico-balística, o enquadramento do terreno, tudo o de que dispomos é posto em ação, todas as possíveis ações do inimigo são previstas, examinadas e avaliadas; é acuradamente preparada a intervenção de todos os nossos meios capazes de opor-se à avançada inimiga; mas tudo isso ainda não é suficiente. Também aqui é necessária a intervenção vivificante da ligação tática, e — ataque o inimigo num ou noutro setor — precisa-se poder dispor de:

— alguns oficiais observadores junto aos comandantes de grupo;

— alguns oficiais observadores destacados nos regimentos, pelo menos entre aqueles onde se permite a observação das cortinas.

E é mister ter em conta que, enquanto para os oficiais observadores destacados em zonas de segurança é previsto e possível voltar à unidade de origem, não se pode prever o regresso dos destacados nas unidades, porque estes devem permanecer em seus postos em qualquer contingência e seguir o destino das próprias unidades.

— Para as unidades que constituem reservas setoriais, ou divisionárias. Estas unidades, destinadas ao contra-ataque para manobras, são constituídas de tropas móveis, reunidas em grupos táticos diversos, e sua intervenção — uma vez decidida — deve ser oportuna, rápida e violenta. Para a sua ação, a artilharia deve absolutamente concorrer com a máxima potência possível, quer na preparação, quer no apoio. Nesta fase da batalha, manifestam-se, mais que nunca, imperiosas as exigências da ligação tática, e a estas exigências é necessário atender plenamente, sem discussão, sem improvisações, sem avareza.

— Para as unidades blindadas ou motorizadas que eventualmente intervêm na batalha no setor da divisão, com os quais a artilharia divisionária, que organizou a defesa, deveria assegurar a ligação tática com o emprego dos próprios oficiais observadores, sendo estes os elementos mais idôneos e apropriados para desempenhar a missão, pelo conhecimento adquirido do terreno, da situação e do andamento da batalha.

A parte qualquer consideração relativa às perdas eventuais e às necessidades de substituição, para os quais é necessário prever um justo número de oficiais observadores empenhados (ou em reserva), o quanto expus é suficiente para demonstrar que somente com uma radical modificação nos regulamentos atuais se pode conseguir resolver problema tão importante, ou ao menos diminuir as dificuldades de solução.

De qualquer forma reafirmo que a ordem de precedência a seguir na missão dos oficiais observadores, na organização defensiva, deveria ser a seguinte:

— designação dos oficiais observadores necessários às unidades que constituem as reservas;

— entre estes, escolha dos oficiais observadores a destacar junto às unidades deslocadas em zonas de segurança (recuperáveis, ao menos, em parte);

— designação dos oficiais observadores restantes, disponíveis para a ligação tática com os comandantes de grupos de particular interesse (previstos como não recuperáveis).

Isto — é lógico — constitui uma diretriz genericamente orientada, e nada mais.

Tenha-se porém em conta que nada deve ser descuidado para assegurar sempre o que devemos manter e mantenhamos uma impostergável necessidade do combate: a ligação tática.

A organização dos serviços, e particularmente a relativa ao reaprovisionamento das munições, é argumento que merece ser profunda e minuciosamente estudado à parte.

Tenhamos em conta — e sempre — que empregando unidades de artilharia de manobra, facilmente deslocável de posição em posição, da qual se exijam oportunidade e rapidez de intervenção e máxima potência e eficácia de ação, o aprovisionamento de munições deve ser não somente seguro, rápido, contínuo e abundante, mas ainda tão oportuno que assegure às unidades de artilharia o afluxo de munições nas posições dos dispositivos sucessivos antes mesmo da chegada das próprias unidades.

• •

Conseguida uma organização como a que até aqui indicamos, fixados, de comum acôrdo com as unidades de infantaria empenhadas, os pontos prováveis do terreno a bater (a natureza do objetivo não é previsível); escolhidos, entre êsses, os necessários a um acurado enquadramento do terreno; esclarecidas e fixadas as ações que a artilharia deverá desenvolver além da linha de segurança e no interior dessa zona; estabelecidas as unidades (grupos e baterias) que deverão desenvolver a ação, e quais oficiais observadores serão empregados na observação; feitos os necessários entendimentos com as grandes unidades laterais para nossa even-

tual intervenção em seus setores e vice-versa; finalmente poderá o "Plano de Defesa" dizer-se acuradamente completo, pelo menos quanto a todos os argumentos principais. Faltarão apenas alguns elementos de pormenores (mas nem por isso menos importantes); os diretamente assentados entre as várias armas que operarão junto, na mais íntima união, que interessam em particular os comandantes de batalhão, de grupos ou bateria. Êstes entendimentos diretos — simples e claros — são essenciais para reduzir o tempo para a intervenção da artilharia em qualquer momento e em qualquer ponto da frente, e para definir *sem possibilidade de dúvida* as modalidades a seguir — durante a luta — para assinalar: *consistência do objetivo, densidade de fogo* necessária para a sua neutralização, duração da ação do fogo julgada suficiente para a consecução do escopo.

• •

E concluindo:

Nossa doutrina é simples, mas seus conceitos, avaliados e ponderados nos diversos casos prováveis (que não é possível catalogar), são suficientes para levar-nos — com o raciocínio e com a análise — à solução do problema que interessa à artilharia; e se bem assinalados no espírito, são guia seguro tanto para o subcomandante de bateria, como para o general comandante de artilharia divisionária.

Os oficiais de artilharia de qualquer posto, examinando — por exemplo — os três casos que a doutrina trata genericamente (e seria bom que se juntasse o da defesa de costa), confrontando-os e tirando-lhes de cada um os conceitos informativos, procurando lembrar qualquer episódio histórico recente (como o desembarque dos anglo-americanos em Anzio, impedido por pouquíssimos homens, por isso que uma escassa artilharia, mas mobilíssima, deu aos aliados a impressão de encontrar-

se diante de fortíssima posição de artilharia), chegarão, por certo, a compreender e a assimilar o verdadeiro espírito daquelas normas, e talvez até a delas tirar um incentivo para todos os artilheiros.

É necessário adestrar-se, completar a própria preparação, aperfeiçoá-la com aplicação contínua, persistente, obstinada, a fim de que todos os meios possuídos produzam o máximo de sua mobilidade, porque as unidades dotadas destes meios têm máxima maneabilidade.

Unidades de artilharia apenas tecnicamente capazes não bastam. São necessárias unidades tecnicamente capazes, hábeis e perfeitas nos movimentos. Estas, em qualquer situação, satisfarão certamente todas as exigências de uma guerra futura, se — como creio que se pode prever — ela ainda for caracterizada pelo "movimento".

Iniciei a carreira com o canhão 75-A, rígido; deste passei ao 75/906 e depois ao 75/911: as baterias tomavam posição à galope e o comandante, à frente, indicava com a espada desembainhada a direção que hoje chamam "a linha zero". Para aquelas baterias o deslocamento e a tomada de posição, na máxima velocidade permitida pelo meio (galope), constituíam o resultado do mais perfeito adestramento tático e motivo de orgulho para os artilheiros.

A guerra de 1915-18 nos transformou quase em artilharia de posição, mas nos melhorou e completou na técnica e deu vida à manobra do fogo.

No período sucessivo aperfeiçoou-se o funcionamento dos órgãos de artilharia destinados ao estudo

e à execução da manobra, e procurou-se ligá-la (coligá-la intimamente) com os elementos que da ação da manobra devem tirar a máxima vantagem.

Hoje, que as nossas normas de emprêgo indicam claramente como se deve conseguir sobre o campo de batalha a completa e reciproca integração dos Infantes (ou dos cavalheiros blindados) com a dos artilheiros; hoje, que a experiência e a doutrina obrigam a prever a necessidade de concentração, em determinados setores, de grandes massas de artilharia (e conseqüente carência em outros setores, dada a nossa modesta disponibilidade de meios); hoje, torna a apresentar-se mais imperativo que nunca este problema: como suprir nossa deficiência de meios?

Como empregar os meios que temos para lhes multiplicar o rendimento, compensando assim sua deficiência?

É o problema da mobilidade, da velocidade, da manobrabilidade da artilharia, solúvel apenas adicionando à manobra do fogo uma outra manobra tanto, ou talvez, mais, inteligente: a manobra dos meios.

Não voltarão o cavalo e a espada desembainhada do capitão, que nos lembram com orgulho e saudade nossa juventude!

Mas os meios mais potentes, mais velozes, mais precisos, que o progresso científico-mecânico pode oferecer, darão à artilharia as enormes possibilidades de emprêgo e de ação que todos auspiciamos se, na alma dos artilheiros viverem, num crescendo, o valor, o espírito, os sentimentos de uma época.

